

Preços do aço refletem maiores custos de produção e demanda em alta

Os mercados mundiais de aço vêm registrando alta no preço do produto, em decorrência da forte demanda e do encarecimento dos custos das matérias-primas, além do aumento nos preços dos fretes. Relatório do Credit Suisse projeta que as bobinas laminadas a quente chegarão aos 900 dólares até o final de 2008.

A Gerdau Ameristeel anunciou aumento de 65 dólares a tonelada de seus produtos a partir de fevereiro de 2008, seguindo os aumentos já realizados pela Nucor. A ArcelorMittal aumentou em 40 dólares a tonelada de seus produtos nos Estados Unidos, desde 1º de janeiro, e anunciou recentemente que elevará entre 12 e 15% os preços de seus produtos de aço plano a carbono na Europa. Com isso, a tonelada da bobina quente passa a valer 560 euros a partir de abril.

No último dia 22 de fevereiro, a Nippon Steel e a JPE, a segunda e a terceira maiores siderúrgicas mundiais, respectivamente, sediadas em Tóquio, no Japão, adotaram reajustes de 31% nos preços internos das chapas de aço. Com isso, o valor da bobina de aço laminada a quente passaria a 790 dólares a tonelada.

O Bradesco espera que a média de preços mundiais de aço aumente 20%, em razão da demanda mundial aquecida, com reflexos nos preços domésticos dos produtos siderúrgicos, porém em menor grau.

Segundo o Instituto Brasileiro de Siderurgia (IBS), os preços no mercado interno devem aumentar em torno de 15%.

O último Relatório do Comitê de Inteligência Competitiva do INDA ressalta que os preços internacionais devem se equiparar aos nacionais mais à frente; que as importações de aço devem cair a partir de março, refletindo os reajustes internacionais de preço ocorridos desde outubro do ano passado; e projeta mínimo de 10% de aumento nas vendas da rede de distribuição para este ano. Em janeiro, as vendas dos distribuidores tiveram seu segundo melhor desempenho na série histórica (*ver pág. 3*).

Demanda aquecida

O consumo aparente mundial de aço em 2007 foi de 1179 milhões de toneladas, aumento de 5,9% sobre 2006, pequeno recuo da taxa, pois esta cresceu 8,5% em 2006 sobre o ano anterior. Para 2008, a previsão é de que o consumo atinja 1251 milhões de toneladas, expansão de 6,1%. Os dados são do IISI, que projeta que o consumo mundial de aço continuará crescendo a taxas de 4 a 5% pelos próximos 5 anos.

Esta taxa será maior para os países em desenvolvimento, como Índia, China, Arábia Saudita, Irã, Rússia,



Índice

Estatísticas
03

Entrevista
04

Perspectivas
06

Sindisider
07

Inda
08

Turquia, Brasil e México. Espera-se crescimento de mais de 10% no consumo de aço na Índia, China, Arábia Saudita e Irã.

No Brasil, o consumo aparente de aço foi de 22,1 milhões de toneladas em 2007, alta de 19,7%; as vendas internas cresceram 18%, atingindo 20,6 milhões de toneladas. Desempenho maior tiveram os aços planos, com alta de 17,8% no consumo aparente e de 20,5% nas vendas internas, puxadas pelo ótimo desempenho do setor automotivo, de petróleo e gás, de máquinas industriais e agrícolas e de linha branca.

Minério de ferro em alta

No último dia 18 de fevereiro, a Vale do Rio Doce anunciou reajustes no minério de ferro vendido para as usinas siderúrgicas japonesas Nippon Steel, Sumimoto, Nisshim Steel, Kobe Steel, JFE Steel e para a coreana Posco. Os reajustes, que entram em vigor em abril, foram de 65% para o minério de ferro fino de Itabira e de 71% para o minério de ferro de Carajás, este de melhor qualidade.

Apesar das mineradoras Billinton e Rio Tinto esperarem preços maiores para seus produtos nas negociações travadas com as siderúrgicas chinesas, a tendência histórica é que o reajuste alcançado pela Vale seja acatado como referência.

De todo modo, o aumento conseguido até o momento supera todas as expectativas dos analistas de



mercado. O banco de investimento Goldman Sachs da Austrália foi o que chegou mais próximo do reajuste: esperava alta de até 60% para os preços contratados do minério de ferro. Já, o UBS, após rever suas projeções, estipulou 55% de aumento no preço do produto.

No mercado spot, os preços do minério de ferro no começo do ano já alcançavam quase 200% dos valores contratados em 2007. A entrega imediata do minério de ferro brasileiro para a indústria siderúrgica indiana tem obtido prêmio de 90%; já, o minério de ferro australiano tem alcançado prêmio de 160% no mesmo mercado.

Nem o desaquecimento da economia norte-americana desanima as expectativas das mineradoras. Segundo o CEO da BHP, Marius Kloppers, em entrevista para o Metal Bulletin, o consumo chinês de minério de ferro atualmente representa a soma dos consumos do produto na União Européia e nos Estados Unidos.

Em 2007, as importações chinesas cresceram 17,4%, atingindo 383 milhões de toneladas.



14ª Conferência Mundial de Siderurgia

12 a 14 de Março de 2008, Copacabana Palace Hotel, Rio de Janeiro, Brasil

O EVENTO MAIS IMPORTANTE DE SIDERURGIA PARA EXECUTIVOS SÊNIOR



A 14ª Conferência Mundial de Siderurgia da CRU, que em 2008 ocorrerá no Brasil, deverá novamente contar com os mais importantes personagens da indústria. **O programa e a lista dos palestrantes serão regularmente atualizados no website: www.cruvents.com.**

REGISTRE-SE HOJE!

Faça referência ao INDA. Os associados do INDA receberão um desconto de 15% sobre o preço da conferência.

Para maiores detalhes e para receber o folheto da conferência entre em contato com cruvents@crugroup.com.

Tel: +44 20 7903 2058

Email: cruvents@crugroup.com

Site: www.cruvents.com

CRU | EVENTS

www.cruvents.com

Começo de Ano Aquecido!!

Neste primeiro mês do ano, a rede de distribuição de aços planos INDA manteve o bom desempenho apresentado em 2007. As vendas em janeiro fecharam em 315,8 mil toneladas, segundo maior volume da série desde o ano 2000 e melhor janeiro da história. Este volume comparado a janeiro de 2006 apresentou alta de 25,8%.

Os estoques terminaram janeiro em 833,3 mil toneladas, representando uma pequena queda de 1,5% em relação a dezembro de 2007; porém, quando comparado a janeiro de 2007, apresenta alta de 32,9%.

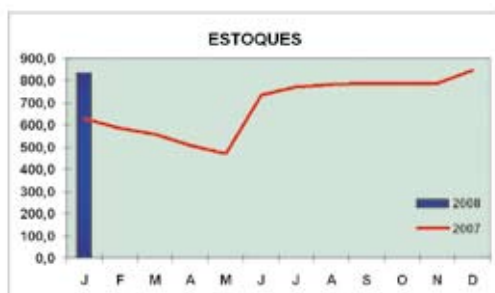
Dois fatores explicam o movimento dos estoques: as compras, que não acompanharam o mesmo ritmo das vendas, crescendo 10,1% em relação a janeiro 2007; e o aumento expressivo das importações de aços planos, que, em janeiro, alcançaram 106,8 mil toneladas, representando aumento de 180,8% em relação ao mesmo mês do ano passado.

Por conta dos aumentos dos preços internacionais do aço, a tendência, no entanto, é de queda nas importações para os próximos meses.

Acompanhe a seguir os principais números do setor.

PANORÂMICA DO AÇO								
PRODUÇÃO MUNDIAL			PRODUÇÃO AMÉRICA LATINA			PRODUÇÃO BRASIL		
Dezembro			Dezembro			Janeiro		
2007	2006	Var. %	2007	2006	Var. %	2008	2007	Var. %
110.838	103.745	6,8%	5.924	5.319	11,4%	2.971	2.703	9,9%
Janeiro a Dezembro			Janeiro a Dezembro			Janeiro a Dezembro		
2007	2006	Var. %	2007	2006	Var. %	2007	2006	Var. %
1.321.529	1.230.486	7,4%	67.024	62.889	6,6%	33.784	30.901	9,3%

Desempenho dos Associados INDA								
ESTOQUE			COMPRAS ¹			VENDAS		
Janeiro			Janeiro			Janeiro		
2008	2007	Var. %	2008	2007	Var. %	2008	2007	Var. %
833,3	627,2	32,9%	302,8	275,1	10,1%	315,8	251,0	25,8%



IMPORTAÇÕES DE AÇOS PLANOS*



* incluem LCG, BQ, BF, CZ, CPP, CAZ e EGV

* incluem os embarques das usinas para outros setores via distribuição

Octávio Manoel Rodrigues de Barros

Diretor de Pesquisa e Economista Chefe do Bradesco. Doutor pela Universidade de Paris X, foi assessor, por duas vezes, no Ministério da Fazenda. É Professor de Economia Internacional da Universidade de Campinas; Consultor do Banco Central do Brasil e do BNDES; Chefe da Assessoria de Política Econômica do Governo de São Paulo; Colaborador permanente da UNCTAD; Presidente do Conselho Regional de Economia de São Paulo; Visiting-fellow da OECD; Diretor Técnico da SOBEET-Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais; Chefe de Operações Financeiras Internacionais da CESP; Coordenador Geral da Presidência da COMGÁS; e Diretor de Economia da Febraban. Além disso, Octavio de Barros é autor de um grande número de artigos de economia no Brasil e no exterior.

Qual é a estimativa do Bradesco para o crescimento do PIB brasileiro em 2008? Quais são os fatores que fundamentam essa previsão?

A economia brasileira deve apontar seu crescimento para algo em torno de 4,5% em 2008. A base desse crescimento é a manutenção da confiança dos empresários e das famílias, diante de um mercado de trabalho favorável e da preservação da estabilidade inflacionária. A expansão do crédito continuará robusta, ainda que a uma taxa menor que do ano de 2007 e continuará colaborando para o fortalecimento da demanda interna. Os investimentos persistirão com uma elevada taxa de crescimento em 2008.

Neste sentido, pode-se dizer que, do lado da demanda, o PIB terá como motores tanto os investimentos quanto o consumo das famílias. Em relação à oferta, o dinamismo da agricultura e da atividade fabril merece destaque. Esta última principalmente, em um contexto de maturação dos investimentos já realizados em 2007 que deverão proporcionar aumento de capacidade e produtividade da indústria.

O setor industrial brasileiro cresceu 6% em 2007. Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Paraná e São Paulo viram expansão industrial acima da taxa média, por conta dos investimentos em bens de capital (máquinas e equipamentos) e bens duráveis (automóveis), além do bom desempenho do setor extrativo mineral. Esse cenário se mantém em 2008?

Esse cenário de crescimento se mantém em 2008, com crescimento robusto da indústria de bens de capital, alavancada pela ampliação dos in-

vestimentos, da indústria de tratores, impulsionada pela melhora de renda agrícola, e da indústria automotiva, favorecida pela ampliação da oferta de crédito, com prazos alongados, melhora de renda e do emprego.

O setor siderúrgico também deverá manter o ritmo de crescimento, impulsionado pela demanda do setor automotivo, bens de capital e da construção civil. O setor extrativo mineral deverá continuar com crescimento pujante em razão da forte demanda chinesa por minério de ferro.

Quais as estimativas do Bradesco para a produção e o consumo de produtos siderúrgicos no mercado brasileiro neste ano? Quais são os setores industriais que mais demandarão aço em 2008? Quais as

previsões de crescimento desses setores para 2008, em termos de produção, vendas internas e exportações?

A produção nacional de aço bruto deverá crescer em torno de 10% em 2008, repetindo o crescimento registrado em 2007. A demanda doméstica por aços planos e longos deverá crescer também por volta de 10%. Os principais setores que impulsionarão essa demanda são o complexo automotivo, a indústria de bens de capital, de máquinas agrícolas e a construção civil.

No complexo automotivo, as vendas internas deverão crescer 17%, produção 9% e exportações com queda de 5%. A indústria de tratores deverá registrar crescimento de 11% das vendas internas. A indústria de bens de capital deverá crescer entre 10% e 15% e o PIB da construção civil deverá registrar aumento em torno de 5% em 2008.

Como ficam as exportações e as importações de aço para 2008 e para os próximos anos?

As exportações de produtos longos e planos devem registrar redução, com possível ampliação do volume importado para fazer frente ao crescimento da demanda doméstica. Mas, as exportações de placas de aço (matéria-prima para a produção de planos e longos) deverão registrar crescimento robusto de exportações em 2008, superior a 50% em volume, em razão dos investimentos realizados por empresas como Gerdau/Açominas e CST, visando o mercado internacional.

Como ficará o cenário da siderurgia mundial nos próximos anos?

A siderurgia mundial passa por um movimento de reorganização mundial, que se resume em um processo de concentração em grandes grupos econômicos e na transferência da produção de aços semi-acabados para países em desenvolvimento, que têm menor custo de produção. Os mercados já maduros, como EUA, Europa e Japão estão deixando de atuar na primeira etapa do processo de produção de aço, que é a redução do minério de ferro e do carvão mineral em aço, para se concentrarem na segunda etapa, a laminação que consiste em transformar as placas de aço em bobinas, chapas e vergalhões.

Esse movimento abre espaço no mercado internacional para os países mais competitivos, como o Brasil, a Índia e a Rússia. O Brasil tem o menor custo de produção do mundo, resultante da abundância de minério de ferro, da excelente logística que serve todo o complexo, desde a entrega do minério de ferro nas usinas até o embarque dos produtos nos portos.

Como ficarão os preços dos produtos siderúrgicos em 2008?

Os preços médios de aço em 2008 deverão registrar alta em torno de 20% em relação aos preços médios de 2007, no mercado externo, em razão da demanda internacional vigorosa. Essa alta tem influência nos preços domésticos que também deverão subir, porém em menor magnitude.

Quais as estimativas de preços para o minério de ferro e para o carvão em 2008?

Os preços do minério de ferro já foram reajustados em 65%, com vigência a partir de abril/08. Os preços externos do carvão subiram 37% em 2007 e mais 36% no início de 2008, devendo permanecer em patamares ainda elevados neste ano, em razão da robusta demanda internacional e de dificuldades de oferta, com problemas derivados da nevasca na China.

Vendas de implementos rodoviários cresceram 29%

O desempenho do setor de reboques rodoviários (reboques, semi-reboques e carroçarias sobre chassis) superou todas as expectativas em 2007. Foram comercializadas no mercado interno e externo, de janeiro a dezembro de 2007, 110.126 implementos das linhas leve e pesada, contra 86.113 unidades comercializadas em 2006, crescimento de 29%.

“Estávamos preparados para um crescimento ao redor de 10% e terminamos o exercício com vendas 29% maiores. Fechamos com o melhor desempenho da história, superando a melhor marca anterior, obtida em 2004”, conta o diretor-executivo da ANFIR – Associação Nacional dos Fabricantes de Implementos Rodoviários, Mário Rinaldi.

O desempenho acima das expectativas do setor foi um dos fatores que impulsionaram as vendas mensais muito acima da média dos distribuidores de aço. Este setor foi responsável por uma aceleração de 39,6% nas vendas dos distribuidores, com crescimento de 42,6% no ano passado.

Mercado interno e exportações

No ano passado, foram comercializados 40.209 unidades de reboques e semi-reboques no mercado interno, aumento de 38,6% sobre as 29.012 unidades vendidas em 2006. Com relação ao **desempenho** da

linha leve, registrou-se 62.860 emplacamentos de carroçarias sobre chassis de caminhão, resultado 17,6% maior sobre as 51.796 unidades emplacadas em 2006.

As exportações do segmento da linha pesada alcançaram o maior recorde em vendas externas. De janeiro a dezembro do ano passado, a indústria de implementos rodoviários exportou 7.057 unidades. Este volume representou um crescimento de 33% sobre as 5.305 unidades exportadas no mesmo período de 2006.

Perspectivas para 2008

Os pedidos em carteira continuam altos neste começo de ano para o setor de implementos rodoviários e, em consequência, muitas empresas não pararam durante o Carnaval. A Anfir projeta que o setor cresça de 8 a 10% em volume produzido neste ano.

A estimativa baseia-se na expectativa de que os setores agrícola, sucroalcooleiro e de construção continuem aquecidos em 2008. “O aumento da safra este ano continua refletindo positivamente no setor. Além disso, a expectativa é que a atual situação da economia brasileira, que vem mantendo uma política estável de juros e controle da inflação, fomenta ainda mais as vendas”, esclarece o presidente da ANFIR, Rafael Wolf Campos.

Contribuinte em débito com ICMS tem até 31 de março para aderir ao Programa de Parcelamento do Estado de São Paulo

O Governo do Estado de São Paulo prorrogou o prazo para a adesão ao Programa de Parcelamento Incentivado do ICMS (PPI-ICMS). A data vai até o dia 31 de março de 2008. A mudança foi realizada pelo Decreto nº 52.680, publicado no último dia 30 de janeiro, que alterou o decreto anterior, editado em julho do ano passado.

O PPI objetiva promover a regularização dos créditos do Estado de São Paulo, decorrente de débitos do ICMS, inclusive os inscritos em Dívida Ativa, ajuizados ou não, em razão de fatos gerados ocorridos até 31 de dezembro de 2006.

A nova redação do decreto favorece ainda os contribuintes que tenham aderido ao PPI-ICMS nos termos do Decreto nº 51.960/07 e que possuam parcelas vencidas há mais de 90 dias e não pagas. Eles poderão recolher as prestações até o dia 31 de março, sem prejuízo de acréscimos legais previstos no parágrafo 7º do Decreto em referência.

Os benefícios para quem aderir ao Programa são:

1- Pagamento em parcela única:

- a) desconto de 60% dos juros de mora;
- b) desconto de 75% das multas moratórias e punitivas;

c) honorários advocatícios reduzidos para 1%.

2- Pagamento parcelado:

- a) desconto de 40% dos juros de mora;
- b) desconto de 50% das multas punitivas e moratórias;
- c) honorários advocatícios reduzidos para 1%.

“Se a dívida é reconhecida e inquestionável, a empresa deve aderir, tendo em vista que o decreto anistia multas e reduz juros. Do contrário, se a dívida é questionável administrativa ou judicialmente, deve-se aguardar, desde que este questionamento tenha excelente probabilidade de êxito”, aconselha o consultor tributário do SINDISIDER, Rinaldo de Freitas. “O parcelamento não exclui, entretanto, a possibilidade de questionamento judicial, tornando a resolução do problema mais barata, na medida em que, tendo êxito, poderá se creditar posteriormente, não perdendo a chance oferecida”. completa.

O contribuinte é quem deve selecionar, no Portal do PPI-ICMS, os débitos tributários a serem incluídos no Programa. Ele poderá optar pelo parcelamento de até 180 meses, com parcelas reajustadas pela taxa Selic.

Mais informações: www.ppidoicms.sp.gov.br

Resolução Camex contribui para uma queda maior das importações de aço

A percepção de que o volume de importação de aços planos está em queda desde novembro do ano passado e de que vai continuar caindo neste ano, por conta dos aumentos dos preços internacionais do aço, ganhou mais um reforço no último dia 29 de janeiro. Isto porque o Governo Federal baixou a Resolução Camex nº 8, alterando as alíquotas do Imposto de Importação sobre dois tipos de laminados a quente, um tipo de laminado a frio, um tipo de chapa grossa, sem contar os vergalhões em rolo.

Os números do INDATA vêm mostrando que, depois de atingir níveis recordes de importação nos meses de agosto, setembro e outubro do ano passado, os volumes de importação de aço vêm declinando, apesar do pico que houve em janeiro. A projeção é de que a queda das importações de aço seja contínua a partir de março.

“Grande parte do aumento dos estoques na rede de distribuição no ano passado foi devido à importação de chapas grossas, bobinas zincadas e laminados a frio. Neste ano, esse movimento não se repete com a mesma intensidade, por causa dos preços internacionais do produto, que deixaram de ser competitivos”, comentou o presidente da Rio Negro, Carlos Loureiro, na reunião do Comitê de Inteligência Competitiva do INDA.

A Resolução Camex é mais um ponto fora da curva da competitividade do aço importado. Ela restabelece a alíquota do II - Imposto de Importação em 12% (doze por cento) para os produtos da tabela.

7208.26.90 - Outros laminados planos, de ferro ou aço não ligados, de largura igual ou superior a 600 mm, laminados a quente, não folheados ou chapeados, nem revestidos (em rolos). # II - Imposto de Importação de 12% (doze por cento).

7208.39.10 - Produtos laminados planos, de ferro ou aço não ligados, de largura igual ou superior a 600 mm, laminados a quente, não folheados ou chapeados, nem revestidos, de espessura inferior a 3 mm, com um limite mínimo de elasticidade de 275 Mpa (em rolos). # II - Imposto de importação de 10% (dez por cento).

7209.18.00 - Produtos laminados planos, de ferro ou aço não ligados, de largura igual ou superior a 600 mm, laminados a frio, não folheados ou chapeados, nem revestidos, de espessura inferior a 0,5 mm (em rolos). # II - Imposto de Importação de 12% (doze por cento).

7213.10.00 - Fio-máquina de ferro ou aços não ligados, dentados, com nervura, sulcos ou relevos, obtidos durante a laminagem. # o II - Imposto de Importação de 12% (doze por cento) - Vergalhões em rolo.

O Imposto de Importação - II assim como o Imposto sobre Produtos Industrializados - IPI, são impostos regulatórios utilizados como instrumentos de políticas industriais e precisam ter regras flexíveis. Foi incluído à Lista de Exceção à TEC (Tarifa Externa Comum) um tipo de chapa grossa de aplicação específica:

7208.52.00 - Ex 001 - Chapa de aço carbono estrutural ou resistente à abrasão ou para conformação a frio com espessura igual ou superior a 4,75 mm e inferior ou igual a 10 mm, atendendo pelo menos uma das seguintes normas técnicas NBR 6655 ou NBR 6656 ou USI-RW ou DIN 17100 QST 52-3 destinada exclusivamente à fabricação de partes, peças, componentes e acessórios para máquinas rodoviárias. # o II - Imposto de Importação de 0% (zero por cento).

Sindisider firma Convenção Coletiva com a Fecesp

O Sindisider concluiu mais uma negociação trabalhista. Desta vez, foi com a Federação dos Empregados no Comércio do Estado de São Paulo (Fecesp), entidade representativa de 64 sindicatos de trabalhadores no estado.

A Convenção Coletiva de Trabalho foi registrada na Delegacia Regional do Trabalho no último dia 14 de fevereiro, apresentando como principais pontos negociados:

- 1 - Reajuste salarial de 6%
- 2 - Data Base em 01 de setembro
- 3 - Pisos salariais reajustados em 6,5%
- 4 - Mantidas as demais condições que constam na convenção anterior
- 5 - Diferenças salariais de setembro poderão ser feitas na folha de fevereiro de 2008

A íntegra da convenção está disponível em nosso site: www.sindisider.org.br



Crise nos EUA não afeta o crescimento dos emergentes

“O Brasil ganhou na mega-sena”. Este foi o mote da palestra do economista-chefe do Bradesco, Octávio de Barros, ocorrida no último dia 27 de fevereiro, na sede do INDA. O auditório, com capacidade para 50 pessoas, estava lotado.

Segundo o economista, a China, como novo player do mercado global, mudou as bases do capitalismo planetário. Os preços das commodities têm se valorizado mais do que os preços dos produtos manufaturados e a demanda chinesa assegura que o fiel da balança tenderá para as commodities agrícolas e metálicas por, no mínimo, mais 10 anos. “Até 2015, o mundo verá o aparecimento de mais 800 milhões de consumidores, pessoas que têm migrado do campo para as cidades, assim como das classes D e E para a classe C”.

No ano passado, a China contribuiu com 27% do crescimento do PIB mundial, atingindo o nível recorde de participação de 11% neste indicador econômico. Os países emergentes vêm pelo mesmo caminho: 70% do crescimento de 4,3% do PIB mundial em 2007 veio dos países em desenvolvimento, sendo que os BRICs (Brasil, Rússia, Índia e China) contribuíram com 42% dessa expansão, elevando sua participação para 21,4% do PIB, posição idêntica a dos Estados Unidos.

“Os países emergentes têm crescido, durante 4 anos, mais de 3 vezes o crescimento dos países avan-

çados. Em 2014, o PIB dos emergentes será superior ao PIB dos países avançados”, mostrou Barros em sua apresentação. “A China vai ser primeira potência econômica mundial em 2020”, completou.

Crise do sub-prime

A crise hipotecária nos Estados Unidos levará a uma queda no crescimento do PIB norte-americano para taxas próximas a 2,75% nos próximos anos. Mas, isso não afetará o crescimento dos emergentes. “No ano passado, os Estados Unidos contribuíram com apenas 8,6% da expansão do PIB mundial. Esta taxa não é capaz de fazer o mundo parar”, defende Barros.

O economista defende ainda que, se no início de expansão da economia chinesa, essa era muito dependente das exportações para o mercado norte-americano, “hoje o comércio intra-asiático explica metade das exportações da China, o que configura um dinamismo endógeno”.

Para ele, o capitalismo mundial migra dos Estados Unidos para a Ásia. “O mundo será sino-cêntrico no futuro”, disparou.

Para o Brasil e os emergentes, a crise nos Estados Unidos foi positiva, pois mantém a liquidez e os juros em patamares baixos.

Para Barros, o Brasil soube aproveitar a mudança. Atualmente, 55% do que o país exporta é para os emergentes e 61,5% da pauta exportadora é composta por commodities.

“Por isso, o Brasil ganhou na mega-sena”, arrematou.



Expediente página oito

Diretoria Executiva

Presidente
Christiano da Cunha Freire

Vice-presidente
Nei Ferreira Bello

Diretor administrativo e financeiro
Alberto Piñeira Graña

Diretor para assuntos extraordinários
Newton Roberto Longo

Conselho Diretor

Diogo de Castro Loureiro; Fladimir Batista Lopes Gauto; Mário Lane Sinder; Miguel Jorge Locatelli; Wilson Carnevalli Filho

Superintendente

Gilson Santos Bertozzo

Revista brasileira do aço

Fone: 11 2272-2121
revista@inda.org.br

Editor

Fábio Luís Pedroso (Mtb 41728)
contato@inda.org.br

Projeto gráfico, diagramação e editoração
www.criatura.com.br

Impressão

HRosa